

COMO “FABRICAR” UM PROFESSOR DE ONTOPSICOLOGIA? UMA PESQUISA SOBRE O ESTUDO, A APLICAÇÃO E O ENSINO DA ONTOPSICOLOGIA

Gustavo Henrique Florêncio¹, Pedro Hermes², Patrícia Wazlawick³, Ricardo Schaefer⁴

Resumo: O presente trabalho tem por problema de pesquisa a seguinte indagação: qual é o percurso formativo de um docente de Ontopsicologia, para aprender e aplicar a Ciência Ontopsicológica e para poder ensiná-la a estudantes de graduação de uma Instituição de Ensino Superior? Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa do tipo exploratório com docentes da Antonio Meneghetti Faculdade. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas roteirizadas e semiestruturadas, que foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Para a análise, foram usadas quatro categorias *a priori*, sendo: 1) conhecimento técnico e estilo de vida; 2) vocação para a docência; 3) postura do professor e relação professor-aluno; 4) recursos e práticas didáticas, essas categorias à luz da Ontopsicologia. A análise dos resultados permitiu evidenciar o percurso de formação docente e ensino da Ontopsicologia como novidade nas práticas didático-pedagógicas atuais.

Palavras-chave: Professor de Ontopsicologia; Didática Ontopsicológica; Pedagogia Ontopsicológica; Ciência Interdisciplinar.

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Pós-graduado no MBA *Business Intuition* Identidade Empresarial e graduado no Bacharelado em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Atualmente é Diretor de Arte da Revista Performance Líder, gestor de criação na Imago Produtora de Conteúdos em projetos da Associação Brasileira de Ontopsicologia e Fundação Antonio Meneghetti, e Professor FOIL - Formação Empreendedora e Liderança no Curso de Graduação em Administração na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: gustavohflorencio@gmail.com

² Mestrando em Direito na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Pós-graduando em Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Pós-graduando em Direito Público pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduando em Compliance e Integridade Corporativa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Graduado em Direito pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Professor da Escola Mineira de Direito (EMD). E-mail: pedrohermes.1@hotmail.com.

³ Pós-Doutoranda em Informática em Saúde (UFSC). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU – Rússia). Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Especialista em Psicologia Positiva, Ciência do Bem-Estar e Autorrealização pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Educação Transformadora: Pedagogia, Fundamentos e Práticas pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduação em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Professora da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: patriciaawazla@gmail.com.

⁴ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão de Negócios pela Universidade Cidade São Paulo (UNICID). Especialista em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU – Rússia). Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Professor da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: coordfoil@faculdadeam.edu.br

**How to “manufacture” an Ontopsychology teacher?
A research on the study, application and teaching of Ontopsychology**

Abstract: The present work has as its research problem the following question: what is the formative path of an Ontopsychology teacher, to learn and apply Ontopsychological Science and to be able to teach it to undergraduate students of a Higher Education Institution? To achieve this objective, an exploratory research was carried out with professors from Antonio Meneghetti Faculdade. For data collection, scripted and semi-structured interviews were carried out, which were transcribed and submitted to content analysis. The analysis used four *a priori* categories, namely: 1) technical knowledge and lifestyle; 2) vocation for teaching; 3) teacher posture and teacher-student relationship; 4) didactic resources and practices, these categories in the light of Ontopsychology. The analysis of the results made it possible to highlight the path of teacher training and teaching of Ontopsychology as a novelty in current didactic-pedagogical practices.

Keywords: Ontopsychology Professor; Ontopsychological Didactics; Ontopsychological Pedagogy; Interdisciplinary Science.

**¿Cómo “fabricar” un profesor de Ontopsicología?
Una investigación sobre el estudio, aplicación y enseñanza de la Ontopsicología**

Resumen: El presente trabajo tiene como problema de investigación la siguiente interrogante: ¿cuál es el camino formativo de un docente de Ontopsicología, para aprender y aplicar la Ciencia Ontopsicológica y poder enseñarla a estudiantes de pregrado de una Institución de Educación Superior? Para lograr este objetivo, se realizó una investigación exploratoria con profesores de la Facultad Antonio Meneghetti. Para la recolección de datos, se realizaron entrevistas guionizadas y semiestructuradas, que fueron transcritas y sometidas a análisis de contenido. El análisis reveló cuatro categorías *a priori*, a saber: 1) conocimiento técnico y estilo de vida; 2) vocación por la enseñanza; 3) postura del docente y relación docente-alumno; 4) recursos y prácticas didácticas, estas categorías a la luz de la Ontopsicología. El análisis de los resultados permitió destacar el camino de la formación docente y la enseñanza de la Ontopsicología como novedad en las prácticas didáctico-pedagógicas actuales.

Palabras clave: Profesor de Ontopsicología; didáctica ontopsicológica; Pedagogía Ontopsicológica; Ciencias Interdisciplinarias.

1 Introdução

A atuação de um professor de Ontopsicologia traz consigo uma enorme responsabilidade ao ensinar e contribuir com a difusão de uma ciência interdisciplinar e epistêmica. A importância de compreender a Ontopsicologia e aplicá-la na própria vida é um premissa fundamental na formação dos seus professores. A Ontopsicologia não pode ser somente estudada, no sentido teórico e racional, mas é preciso também vivê-la como prática cotidiana, por ser um conhecimento que escorre junto à lógica da vida.

Partindo dessas premissas, a motivação do presente trabalho é estudar como se dá a “fabricação” do professor de Ontopsicologia. Por “fabricação”, entende-se, aqui, a compreensão conferida por Buonanno (2006), para quem o ensino da Ontopsicologia deve ser baseado na construção de uma experiência profissional e pessoal na área. Ou seja, são três os eixos principais: estudo, aplicação e ensino, dos quais podem ser extraídos três situações, o aprendiz, o artesão e o professor de Ontopsicologia.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa que pretende trazer premissas sobre o ensino da

Ontopsicologia: como se ensina esta ciência, quais recursos e práticas didáticas se utiliza, qual o conhecimento técnico de um docente. Para a construção desse trabalho, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica acerca da Ontopsicologia e sua formação técnica-existencial, reunindo e analisando textos do Acad. Prof. Antonio Meneghetti, seu fundador, e de outros autores que trataram sobre a temática. Essa pesquisa de caráter exploratório foi pautada na análise de conteúdo dos professores entrevistados dos cursos de uma Instituição de Ensino Superior, a partir de critérios de seleção e análise de conteúdos preestabelecidos.

A partir dessa premissa, o problema de pesquisa desse trabalho é a seguinte indagação: qual é o percurso formativo de um docente de Ontopsicologia, para aprender e aplicar a Ciência Ontopsicológica e para poder ensiná-la a estudantes de graduação de uma Instituição de Ensino Superior? O intuito da pesquisa é reunir conteúdos, por meio das principais referências bibliográficas sobre o tema, e compartilhar experiências relatadas por meio de entrevistas com professores, trazendo uma perspectiva a partir da análise de quatro categorias: conhecimento técnico e estilo de vida; vocação para a docência; postura do professor e relação professor-aluno; recursos e práticas didáticas.

Os objetivos específicos são: analisar como os professores aprendem e estudam a Ontopsicologia (conhecimento técnico); analisar como os professores aplicam a Ontopsicologia na própria vida (estilo de vida); verificar como cada professor entrevistado, com formação em

Ontopsicologia, utiliza essa ciência no processo de ensino-aprendizagem nos cursos graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

2 Fundamentação Teórica

Essa pesquisa busca compreender como ocorre a “fabricação” de um professor de Ontopsicologia, fabricação aqui entendida como um processo de maturação e formação contínua, buscando interligar a teoria e a prática desse saber. A motivação da investigação baseou-se no texto “A Fabricação da Ontopsicologia”:

Substancialmente, um autêntico professor de Ontopsicologia se atém àquela parte da Ontopsicologia que “fabricou” com caminho e experiência pessoal, e que a este ponto reconhece como evidente. Ao ensinar, deveria limitar-se a essa parte que verdadeiramente “toca com as mãos”. Efetivamente, quando ensina essa parte, não parece ensinar: parece dizer coisas óbvias. É nos olhos arregalados do interlocutor que descobrimos que nele fazemos novidade (BUONANNO, 2006, p. 91).

O termo “fabricar” é aqui relacionado à pessoa que faz, aquela que tem um saber operativo, a partir do qual desenvolve a autoridade de ensinar. Um professor pode ensinar na medida e na proporção do quanto vive, constrói, “fabrica” o conhecimento em si mesmo. A partir do momento em que se metaboliza a Ontopsicologia, também se metaboliza como a vida se manifesta dentro de si. Ainda que esse termo pode ser muitas vezes usado como algo feito “em série”, ou até mesmo denotar uma “industrialização”, é importante lembrar que a artesanaria, ou obra de um artesão, é feita de fabricação, de manufatura. O fazer algo artesanalmente com as próprias mãos remete a essa ideia de tempo, de cura e de

maturação para que algo fique pronto, para que algo seja construído.

O aprendizado, aplicação e ensino do conhecimento ontopsicológico baseia-se no critério de natureza ínsito em todo ser humano. Meneghetti (2010) afirma que “eu, pesquisador, se quero chegar à verdade, devo ser certificado e, para fazê-lo, a natureza me dá a mim mesmo, porque se me desse um outro não o veria, não estando dentro daquele universo.” (p. 148). Ou seja, esse critério parte da medida do homem que o autoriza para fazer ciência, fazer conhecimento, resgatando uma das mais antigas frases do sofista grego Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”. Assim sendo, o homem é a unidade de medida, o “metro” de qualquer investigação, e assim é possível, segundo a sua realidade total, fazer a verdade “relativa a”, relativa a esse homem.

Logo, entende-se a elementaridade que não é possível compreender o mundo, as coisas, a vida, até mesmo a Ontopsicologia, se antes não se conhece a si mesmo. Segundo Meneghetti (2020), “a Ontopsicologia descobriu os instrumentos lógicos, técnicos de como se chega a saber a si mesmo, a compreender a própria identidade” (p. 15). Estudar a Ontopsicologia significa se colocar à disposição do conhecimento para saber o que se é.

Portanto, para aquisição do conhecimento ontopsicológico pode-se perceber que é necessária uma preparação técnica, sobretudo para formação docente. Vale ressaltar que cada teoria da educação apresenta suas próprias exigências ao professor, do ponto de vista psicológico, e também no que diz respeito à relação professor-aluno. Segundo Vygotski (2010), se pegarmos a pedagogia de *Rousseau*, “o mestre é apenas o

vigia e protetor da criança contra a perversão e as más influências” (p. 446).

Para os fins do presente estudo, são três processos essenciais para o ensino da Ontopsicologia: estudo (aprendiz), aplicação (artesão) e, ao final, ensino (professor). É preciso, portanto, um processo inicial de aprendizagem. O estudo deve ser um percurso de exercício, isto é, viver o conhecimento, experimentá-lo na vida cotidiana. Nesse sentido:

Quem quer tornar-se começa a ter uma boa técnica, mesmo se esses são livros que, toda vez que alguém os lê, se compreendem coisas novas. Por quê? Porque este livro, como todos aqueles que eu escrevo, se compreende por quanto o sujeito está pronto dentro. Quanto mais é inteligente dentro, mais o livro abre a vida, visto que, quando escrevi essas coisas, o fiz pensando a vida e a nós na vida. Isto é, pensei os fatos, as dinâmicas, as interações da vida com a vida, da vida com os seus viventes. Por isso, mais a pessoa é viva e mais há comunicação. (MENEGETTI, 2020, p. 33).

Em um segundo momento, há o aspecto da aplicação do conhecimento ontopsicológico. Para fazer com precisão o método ontopsicológico, são imprescindíveis duas premissas: “1) o completo conhecimento científico, instrumental do método, da teoria ontopsicológica; e 2) um estilo de vida” (MENEGETTI, 2018, p. 119).

Essas etapas muito se apresentam em razão do impacto com a Ontopsicologia. Refere Meneghetti (2011, p. 12) que esse encontro perpassa três principais momentos: a crise (o problema), a técnica (o método), e a intencionalidade de natureza, o Em Si ôntico do indivíduo (a solução). (MENEGETTI, 2011). Nesse sentido, denota-se que “existe a crise, porque o conhecimento ontopsicológico faz compreender que

a racionalidade é boa, porém – por mais que se esforce – falta o ponto de partida, o ponto de ligação à radicalidade do existir” (MENEGHETTI, 2011, p. 11). De fato, a crise acontece quando o sujeito percebe que não contata o próprio melhor, podendo conduzir a vida em uma dinâmica experimental de erros e de acertos. Posteriormente, conhece-se a técnica. Segundo Meneghetti (2011, p. 11), esse processo do método ontopsicológico, com seus instrumentos de intervenção, conduz o indivíduo a recuperar a parte desconhecida (inconsciente) para a própria existência. No terceiro momento, entra-se na solução, onde se evidencia a diretriz do critério de natureza.

Substancialmente, um autêntico professor de Ontopsicologia se atém àquela parte da Ontopsicologia que “fabricou” com caminho e experiência pessoal, e que a este ponto reconhece como evidente. Ao ensinar, deveria limitar-se a essa parte que verdadeiramente reconhece. Meneghetti (2019a) aborda a discussão de forma aberta sobre o mestre: “quem é e o que deve fazer, sem entrar no mérito do que deva ele ensinar.” (p. 71). O autor procura abrir a crise ao interno daqueles que procuram, por escolha e vocação, serem mestres ou professores.

Nesse sentido, “o mestre é aquele que é três vezes mais que os outros. ‘*Magis-ter*’ do latim antigo, significa ‘três vezes mais’: 1) sabe as coisas como todos; 2) sabe o cognoscível nos símbolos, ou seja, a técnica; 3) sabe a relação entre fenomenologia e o ser.” (MENEGHETTI, 2019a, p. 72). Portanto, se o indivíduo escolheu ser um profissional de Ontopsicologia, são preliminares duas estradas: autenticação de si mesmo e um constante e progressivo estudo

teórico-prático da metodologia ontopsicológica. E conhecer com muita profundidade o rigor teórico e científico a aplicação metodológica da Ontopsicologia. Não somente estudar a teoria, mas buscar progressivamente compreendê-la com evidência prática.

3 Metodologia

Para a construção dessa pesquisa e para que fossem alcançados os objetivos propostos, se organizou a composição do trabalho pelo delineamento da pesquisa, com abordagem qualitativa. Esse procedimento se baseou em duas perspectivas, mas com o foco de estudar a figura do professor de Ontopsicologia na própria visão do professor.

A metodologia proposta para este trabalho é de caráter exploratório, baseado na pesquisa teórico-empírica, onde foram construídas, com base nos procedimentos metodológicos de coleta de dados, entrevistas e análise de conteúdo, para focalizar no objetivo proposto. Uma vez que foram definidos os critérios de seleção de professores, foi realizada a construção dos questionários *online* para o levantamento inicial de dados, e, posteriormente a construção e realização das entrevistas, análise de conteúdo e análise dos resultados.

Para seleção dos professores, foram utilizados os seguintes critérios:

1. Formação direta com o Acad. Prof. Antonio Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica, o que se extraiu a partir dos currículos dos professores;
2. Conhecimento da metodologia ontopsicológica (Diploma junto à Universidade Estatal São Petersburgo, Bacharelado em Ontopsicologia, Especialização em

Ontopsicologia, Cursos Livres etc.); 3. Indicação, por parte dos alunos AMF, dos professores do corpo docente das disciplinas FOIL dos cursos de graduação da AMF e do curso de Bacharelado em Ontopsicologia no ano de 2020.

Quanto à delimitação da amostra da pesquisa, foi realizado um levantamento *online* com 13 professores das disciplinas FOIL dos cursos de graduação da AMF, pois nessa disciplina é exercida a aplicação da Ontopsicologia no desenvolvimento empreendedor e de lideranças, e 17 professores do curso de Bacharelado em Ontopsicologia. Os professores responderam às perguntas a seguir:

Quadro 1 – Questionário *online* dos professores

Nº.	Pergunta	Motivação
1 e 2	E-mail e Nome Completo	Identificação.
3	Para quais cursos você leciona?	Verificar os cursos que atuam.
4	Quando você começou a estudar a Ontopsicologia?	Verificar o início do contato e percurso de estudo técnico da Ontopsicologia.
5	Quais instrumentos de intervenção da Ontopsicologia você já realizou (enquanto cliente)?	Verificar se experienciou o máximo de instrumentos de formação existencial da Ontopsicologia.
6	Quando você fez o primeiro <i>Residence</i> Ontopsicológico?	Verificar se participou de algum <i>Residence</i> , verificando a formação direta com o Professor Antonio Meneghetti ou com outros operadores.
7	Quando foi o início do seu <i>training</i> de autenticação e por quanto tempo você realizou?	Verificar o início do processo de revisão crítica da própria consciência, por quanto tempo realizou e se realiza ainda hoje.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Com base neste primeiro levantamento *online* foram selecionados 6 professores, seguindo os 3 critérios expostos anteriormente, que participaram das entrevistas. A caracterização destes professores encontra-se no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Caracterização dos professores selecionados

Profes- sores	Para quais cursos você leciona?	Quando come- çou a estudar a Ontopsicologia?	Quais instrumentos de intervenção você já realizou como cliente?	Quando foi o início do seu <i>training</i> de autenticação e por quanto tempo você realizou?
PE1	Ontopsicologia, Administração, Sistemas de Informação, Direito, Pedagogia	1999	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	1999 até hoje
PE2	Ontopsicologia, Sistemas de Informação	No ano de 2000	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	Em março de 2000 e o fiz por 2 anos direto uma vez na semana e após, uma vez ao mês, por diversos anos e atualmente sempre que necessário, quando tenho uma decisão importante a tomar ou quando tenho algum sonho muito diferente.
PE3	Ontopsicologia, Administração, Sistemas de Informação, Direito, Pedagogia	Março de 1997	Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	Desde março de 1997 até agora (em andamento).
PE4	Ontopsicologia	2008	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	2009 – Contínuo.
PE5	Ontopsicologia, Administração	1995	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Consultoria Empresarial, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence, Isomaster	1994. Ainda sigo as consultorias individuais. O prazo é que está mais espaçado.
PE6	Ontopsicologia	1985	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence, Isomaster	Desde 1985 até hoje

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Os professores selecionados passaram então à etapa das entrevistas semiestruturadas. O roteiro das entrevistas foi fundamentado nos objetivos da pesquisa, conforme o Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Questionário dos Professores com Temas e Perguntas Correlacionadas

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES	
CONHECIMENTO TÉCNICO E ESTILO DE VIDA	1. Como se aprende/estuda a Ontopsicologia?
	2. Como se aplica/vive a Ontopsicologia na sua vida?
VOCAÇÃO PARA DOCÊNCIA	3. Como você descobriu a vocação pela docência ?
POSTURA DO PROFESSOR E RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	4. Como você dá aula? Quais são os recursos e/ou práticas você utiliza para ensinar e, sobretudo, tocar verdadeiramente um aluno?
RECURSOS E PRÁTICAS DIDÁTICAS	5. Como despertar no aluno a busca por conhecer a si mesmo ? Qual é a medida para tocar/estimular a inteligência do aluno? 6. Qual é o maior desafio ou cuidado que se deve ter ao ensinar/mediar a Ontopsicologia para um outro?

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Para análise do conteúdo extraído das entrevistas com os professores, foi utilizada a análise de conteúdo, por como descrita por Bardin:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pontos do rigor da objetividade e da fecundidade subjetiva. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2016, p. 15).

Essa análise se organiza do seguinte modo: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016, p. 215).

Segundo Seramim e Walter (2017), a fase da pré-análise tem como objetivo organizar as ideias iniciais de forma sistematizada, que possibilita preparar e introduzir novos procedimentos de análise. Nessa fase se escolhem quais serão os documentos, objetivos, formulação de hipóteses e construção de indicadores para fundamentar a interpretação final. Na segunda fase de exploração do material, conforme Seramim e Walter (2017), acontece a aplicação organizada, podendo ser feito de modo manual ou informatizado, codificar, decompor, enumerar em base as escolhas previamente estabelecidas na pré-análise.

Para fundamentar a interpretação, a fim de compreender os principais aspectos relacionados ao tema dessa pesquisa, foram estabelecidos quatro categorias de análise definidas *a priori*. Com base no roteiro e nas perguntas das entrevistas, essas categorias foram criadas e agrupadas em forma de temas:

1. Conhecimento técnico e estilo de vida;
2. Vocação para a docência;
3. Postura do professor e relação professor-aluno;
4. Recursos e práticas didáticas.

Na fase de tratamento dos resultados, conforme Seramim e Walter (2017), realizam-se as inferências e interpretações. Nesse processo a análise de conteúdo se identifica por palavra, tema, objeto, personagem ou acontecimento para compreender o significado daquilo exposto pelos documentos.

4. Análise dos Resultados

4.1 Conhecimento técnico e estilo de vida

A primeira pergunta realizada nas entrevistas com os professores foi: “como se aprende, como se estuda a Ontopsicologia?”. Percebeu-se que os professores não começaram a estudar a Ontopsicologia para ensinar, mas buscaram nesse conhecimento a compreensão de aspectos existenciais e profissionais, para se qualificar. Nos relatos a seguir, podemos compreender de que forma aparece esse aspecto ligado a essa primeira dimensão:

[...] Tem um primeiro processo, que eu vejo, que é como cliente. O que é isso? É fazer o seu próprio processo de autenticação. [...] Esse é o primeiro passo. É a primeira evidência que tu tens de que o método funciona, de que tu viveste a função, viveste a melhoria. [...]. Depois, tu entendes racionalmente: eu quero isso. Isso serve para mim. [...] Isso é o nível um: está preparando a melhoria de eficiência individual. [...] No meu caso, teve um segundo momento, que foi assim: ok, não me basta mais ser usuário, cliente de um ontopsicólogo [...], eu preciso saber como essa técnica, que me ajuda tanto, funciona. (PE5).

[...] As pessoas que estão falando dessa ciência, que estão fazendo essa ciência e colocando-a em prática, mostram por evidência o que significa o bem-estar e a realização do homem. [...] Eu acho é que foi aí que partiu, para mim, a minha motivação para estudar [...], me senti convocada e não só mais convidada a estudar. (PE4).

Outro aspecto relacionado ao conhecimento técnico é o estilo de vida do professor. Pode-se relacionar, a partir do que foi exposto pelos professores participantes da pesquisa, o estudo e estilo de vida, que, nos relatos, aparecem juntos, pois o estudo faz parte do cotidiano do

professor. Ainda que as perguntas tenham sido feitas separadamente: “como se estuda e aprende a Ontopsicologia?” e “Como se vive e aplica a Ontopsicologia na própria vida?”, pode-se observar que, quando os professores falavam sobre o estudo, correlacionavam com a aplicação desse conhecimento na própria vida, ou seja, o estudo como parte integrante do estilo de vida.

A relação entre estudo e estilo de vida é abordada por Meneghetti (2018, p. 119), quando cita as premissas indispensáveis para conhecer a Ontopsicologia, que são “1) o completo conhecimento científico, instrumental do método, da teoria ontopsicológica; e “2) um estilo de vida.”. Ao responderem sobre o estudo e a aprendizagem técnica da Ontopsicologia, os professores abordam essa premissa, como pode-se conferir nos trechos a seguir:

Se estuda, primeiro, todo o dia. [...]. Tem que ter um estudo sistemático, cotidiano e completo. [...]. (PE3).

Eu entendi que existe uma disciplina, um dia-a-dia [...]. Para mim, estudar Ontopsicologia tem a ver com disciplina mesmo: eu vou parar e estudar [...]. Então, eu não vejo que é um estudo que se faz só de vez em quando, eu vejo que é um estudo que tem um percurso [...]. (PE4).

Primeiro é estudar teoricamente e racionalmente, objetivamente. [...]. Se estuda seriamente, de modo técnico, racional, nos livros, nos cursos. Hoje temos o Bacharelado em Ontopsicologia, temos diversos cursos de extensão [...], tem o MBA, tem a Especialização [...]. É um caminho acadêmico, científico. Esse é um lado [...]. O outro lado, que também não pode faltar, que tem que estar sempre junto, é a própria formação individual, verificação dos sonhos, verificação crítica da consciência, continuamente por meio das consultorias e outras atividades que envolvem os instrumentos de intervenção [...]. E o estilo de vida é coerência e manutenção disso tudo, de modo científico, técnico, racional, existencial [...]. (PE2).

Além do estudo técnico e contínuo, pelo modo como tratam desse tema, é necessário aplicá-lo e vivê-lo, ou seja, une-se a dimensão do artesão àquela do aprendiz. Meneghetti afirma que “não se pode chegar a essa prática sem o conhecimento teórico e o estilo de vida, porque é um conhecimento que vai por inteiro (todo o homem): ou é todo, ou não há.” (2018, p. 119). Nos relatos transcritos a seguir, é possível colher de que modo o estudo está relacionado com um modo de viver:

Aprender a Ontopsicologia tem que andar junto com uma mudança interior. Não tem como você aprender se você também não for fazendo as suas mudanças, repensar o seu estilo de vida, repensar a sua forma de pensar [...]. Haja visto que, na medida em que você vai amadurecendo e mudando, cada um de nós nos seus processos, a Ontopsicologia começa a ter um ressignificado dentro de ti [...], vai atingindo níveis em que você compreende cada vez mais, com mais plenitude, proporção daquela informação, que no fundo é tentar entender como é a lógica do ser. (PE6).

Se estuda a Ontopsicologia de modo vivo [...]. Está muito relacionado na medida em que você vai crescendo, que você vai amadurecendo, ou também a tua alma também vai te estimulando a entender mais [...]. É junto, praticamente é junto, quando se busca esse conhecimento para algo que tu precisas, ou te interessa, ou tem valor real para ti naquele momento. (PE1).

Não basta estudar, tem que aplicar. [...] É sempre uma constante teoria e prática juntas. [...] Se vive em primeira pessoa. [...] Tem que começar a se abrir, e ver como tudo isso funciona, antes de tudo em si mesmo. Ou seja, nós temos que ser... fazer experimentação com nós mesmos. (PE3).

Pode-se inferir que essa integração entre o estudo e o estilo de vida tenha relação com o cultivar a própria inteligência por meio do processo de revisão da consciência, ou seja, a

consultoria de autenticação. Meneghetti afirma que a “consultoria de autenticação é cultura de alta inteligência e exercício crítico de consciência sobre si mesmo”. (MENEGETTI, 2010, p. 293). Para compreender a Ontopsicologia é necessária também uma mudança da mente, dos hábitos e do modo de viver, com o auxílio técnico de um consultor com conhecimento ontopsicológico. Esse técnico é um auxílio para a pessoa que busca fazer as passagens de evolução. Portanto, como afirma Meneghetti, “é preciso uma gradualidade, uma ajuda, um apoio externo: seja para interpretar os sonhos, seja para uma imagogia, seja para ler alguns símbolos, é necessário o técnico de apoio”. (MENEGETTI, 2018, p. 120). A Ontopsicologia é, portanto, um estudo que exige mudança individual, em um processo contínuo de autenticação.

Reforçando o que escreve Meneghetti, também os professores entrevistados relatam que, junto ao estudo, é necessário um técnico que possa ler as dinâmicas inconscientes, e dar a passagem com base nesse critério de natureza. Com isso, pode-se compreender, com base nos relatos da maioria dos professores, a importância do processo de autenticação:

[...], o método existe, exatamente com os instrumentos de análise e de intervenção, [...] para que um técnico possa operar e dar as passagens que a nossa consciência ainda não alcançava. [...] Ou seja, mudar no miricismo cotidiano, mudar os hábitos ou desfazer hábitos, criar uma harmonia, criar uma relação com os próprios instintos que gere isso. (PE4).

É claro que tudo isso só é possível se, junto ao estudo, haja uma consultoria de autenticação constante. É indispensável, ao meu ver, para serem realmente mediadores de vida, mediadores do que é a Ontopsicologia de fato, fazer em primeira pessoa, constantemente, uma consultoria, uma revisão. [...]. (PE3).

Pode-se evidenciar que os instrumentos de intervenção da Ontopsicologia permitem uma mudança existencial e o centrar o ponto de inteligência do indivíduo. A teoria dá o passo a passo de como fazer, dá a base, o fundamento. Mas a compreensão e a construção desse saber se dá pelo quanto o sujeito se autoconstrói.

4.2 Vocação para a docência

Outra passagem identificada na análise das entrevistas é que alguns professores, ao evidenciar a funcionalidade da Ontopsicologia na própria vida, buscaram estudar e compreender como o método produz esse resultado de crescimento e evolução no ser humano. Esse aspecto pode ser visto nos relatos a seguir, sobre o reconhecimento da própria vocação (identidade) somado à experiência e vivência da Ontopsicologia:

Para mim a Ontopsicologia não está mais muito separada da minha existência, [...] a maturidade que tu adquires aos poucos e que vai sendo metabolizada ou acrescentada à tua identidade como força de vida, como expressão da vocação. (PE6).

Eu só formalizei a minha vocação agora, com 50 anos. Então funciona, pois tu tens a experiência prática, a decisão, a experiência teórica, a experiência em sala de aula, então tu começa a moldar e formar um estilo. (PE5).

Não tem muito como impactar a Ontopsicologia e ao mesmo tempo não se sentir convocado: eu preciso estudar mais. Eu acho que foi aí que partiu, para mim, a minha motivação para estudar: o fato de eu gostar muito de clínica, gostar muito de pessoas, gostar muito de trabalhar com a transformação humana. (PE4).

Já nas respostas à pergunta: “como se estuda e como se vive a Ontopsicologia” é possível

compreender que alguns professores sentem e têm consciência de que são vocacionados para serem docentes e, portanto, buscam mediar o conhecimento com outras pessoas.

Sabendo que todo docente deve ser antes vocacionado para esse ofício, fez-se a seguinte pergunta para explicitar ainda mais essa dimensão: “como você descobriu a vocação para a docência?”. Conforme os relatos a seguir, pode-se verificar esse aspecto da vocação docente:

As primeiras imagens que eu tenho, quando eu era criança, é que eu brincava com o meu irmão e com a minha prima, e eu dava aula para eles, [...] eu tenho imagens e memórias que eu não esqueço nunca mais, e sempre alegres, saudias, divertidas, daquele lugar. E a minha mãe dizia assim ‘eu nunca precisei mandar a PE2 estudar’ [...], então vem já da infância, vem da adolescência. E depois quando eu comecei... estava na graduação, já me via, que eu queria ser professora universitária futuramente [...], mas quando eu tive a aula, a primeira aula com a doutora PE6 de Ontopsicologia, [...] eu disse: ‘nossa, eu quero ser igual a essa mulher por causa do conhecimento dela, e pelo modo que ela provocava os alunos’. [...] (PE2).

Quando era criança [...], quando alguém estava dando aula, eu pensava: ‘quando eu tiver meus alunos, eu vou pensar assim’. Então, isso significa que eu pensava em dar aula. [...]. Depois eu conheci a Ontopsicologia e comecei a aplicar na clínica, [...]. E não era sobre dar aula ou não dar aula, era sobre como eu sirvo melhor através da Ontopsicologia [...] (PE4)

Primeiro eu usufruí da Ontopsicologia como cliente durante 10 anos, depois eu me dei conta: existe uma conexão disso tudo. E o Professor Meneghetti sempre me chamando, eu comecei a participar de Congressos, comecei a falar. O Professor dizia: ‘apresenta esse tema aqui, vai lá.’ [...], foi assim que eu comecei. (PE5).

Foram dois momentos, que para mim foram muito marcantes, nesse meu percurso como professor. O primeiro foi quando eu dei a primeira aula, que foi uma aula sobre o Campo Semântico [...], ali eu já senti o gosto do que

era aquilo, me identifiquei na hora [...]. Inclusive foi em uma consultoria que veio essa passagem [...], aparecia ainda no meu sonho a professora X, que na época era uma professora da Especialização em São Petersburgo, muito querida, muito reconhecida pelo próprio Professor Meneghetti [...], e eu não era professor ainda. E a consultora me disse: ‘está vendo como a tua alma está mostrando essa passagem? E utiliza como referência inclusive a professora X’ [...]. E o outro momento, que foi muito forte para mim, foi quando o Professor Meneghetti me pediu para preparar uma aula sobre a Psicologia do Líder. [...] E eu preparei aquela aula, organizei e entreguei para ele como eu tinha pensado que faria. [...]. Ele pegou, leu, me entregou de volta – tenho até hoje inclusive a aula preparada – e disse assim: “*questa è la tua strada*” (estendeu a mão para cumprimentar), me entregou e saiu. (PE1).

Conforme relatado pelos professores entrevistados na pesquisa, pode-se visualizar que todos descobriram ou reconheceram a própria vocação docente. Disso, sugere-se uma correlação com o que Meneghetti (2008, p. 106), aborda sobre o líder, que possui dentro de si uma vocação ôntica. Pode-se sugerir que esse líder, exercendo o papel de professor, educador, seja um ativador de valores por meio do contato com o outro. “O líder, para ser ativador de valores, deve passar constantemente por meio do tu. Torno-me eu na medida em que sei mediar o tu. O tu é o outro [...]” (MENEGETTI, 2008, p. 106).

4.3 Postura do professor e relação aluno-professor

A fim de compreender a postura do docente e a sua relação com o aluno, foi realizada, então, a seguinte pergunta aos professores entrevistados: “como despertar no aluno a busca por conhecer a si mesmo?”. Ao fazer essa pergunta,

entende-se que os professores entrevistados, além de possuírem um preparo técnico e conhecimento em Ontopsicologia, possuem uma sensibilidade e capacidade de se colocarem diante dos alunos. Nos trechos das falas a seguir, podemos entender de que forma aparece esse aspecto relacionado à postura do professor e ao modo de formação do aluno:

Eu trabalho a alma do aluno, aquele que se deixa. Eu posso usar qualquer conteúdo, [...] não tenho mais diferença entre ‘eu’ e o conteúdo, eu sou o conteúdo. Mas lá se vão quase 30 anos, para você ver uma pessoa, olhar e enxergar o Em Si ôntico da pessoa, enxergar a psique da pessoa, enxergar o movimento da pessoa, enxergar o limite da pessoa, e ajudar aquele ser humano em sala de aula. [...] (PE5).

A Ontopsicologia precisa ser o recurso para que você esteja a serviço do crescimento do outro. [...] Eu não estou ali para fazer o que eles querem que eu faça conscientemente, mas eu estou ali para servir ao crescimento deles. [...] Eu tenho que ser funcional ao crescimento daquele aluno. (PE4).

Percebendo que a Ontopsicologia, quando utilizada nesse processo de ensino, é também um recurso para transmitir conhecimento, pode-se compreender nos relatos dos professores que existe um critério para mediar o conteúdo. A pergunta seguinte teve o objetivo de compreender: “qual é o maior desafio ou cuidado que se deve ter ao ensinar a Ontopsicologia para um outro?”. A partir dos relatos ilustrados a seguir, podemos compreender de que forma se manifesta esse aspecto de desafio ou cuidado no ensino da Ontopsicologia:

Não é um desafio ou dificuldade, é uma condição *sine qua non*, ou tu vives aquilo, ou tu vais estar fazendo uma formação cultural com

a turma. [...] Isso é mais profundo do que um abraço, isso é mais profundo de qualquer tipo de contato físico. Ocorre esse “encontro de almas”. Tu deste uma passagem de crescimento para o outro, e tu cresces também. Isso dá um prazer, uma alegria enorme. (PE1).

Claro, sempre tem que ouvir o aluno, sempre tem que ouvir os professores e sempre tem que estar cuidando de tudo, sempre tem que estar olhando o resultado. Tem que ter humildade sempre, tem que mudar onde tem que mudar, inovar onde tem que inovar, mas a vida daquela pessoa, daquele aluno, a vida dela, é ela que vai fazer, é ela que vai escolher [...]. (PE2).

Então eu vou até o limite de despertar, sim, talvez às vezes dar uma passagem existencial forte que toca o aluno, o aluno sente aquele contato – que tem que ter, obviamente, não é que somos máquinas – mas depois o aluno tem que ir na consultoria ou vai procurar nesse livro. Ou seja, depois que você acende o aluno tem que remetê-lo imediatamente à consultoria. Nunca se substituir ao consultor [...]. Não fazer projeções, de não projetar os nossos limites. Então, não fazer um filtro, não colocar as nossas opiniões, ou seja, manter a pureza da ciência, isso é fundamental. [...] Eu sou uma mediação, tem que ser neutra, tem que facilitar, mas tem que passar esse autor [...]. Claro, cada pessoa tem o seu estilo. Obvio, que posso trazer um exemplo da minha vida, mas se funciona, senão não posso fazer [...]. E também não distorcer [...]. Tentar ser o quanto mais possível ligados aos livros. [...] Então, ser fieis ao que o Professor Antonio Meneghetti nos deixou, e um imenso respeito pelo autor [...]. (PE3).

Tem momentos em que você toca, fala, emocional, vive, mas o outro não enxerga. O tempo do outro para abrir sua consciência demora. Me parece que é o ponto, o ponto é o contato, o ponto é de alguma forma você ser um pouco gente na frente deles, um pouco humano e humano simples. [...] É o que está por trás da teoria para o aluno entrar ali. (PE6).

Com base nos relatos acima, pode-se inferir que existe um preparo técnico e pessoal no papel de educador. Na maioria dos relatos, pode-se

perceber que o professor de Ontopsicologia acaba exercendo um papel inicial de estímulo de contato, fazendo, por vezes, intervenções terapêuticas ou existenciais, sem a pretensão principal de fazê-la, mas o fazendo na medida em que possui disponibilidade do aluno. Após essas respostas, foi realizada na entrevista a seguinte pergunta: “qual é a medida para tocar ou estimular a inteligência do aluno?”. Com isso, os relatos a seguir ilustram esse aspecto relacionado à medida na relação do professor com o aluno:

A medida é o livre-arbítrio. [...]. Então, tem um modo de conduzir que é acretivo, as pessoas querem, querem fazer parte [...]. Então, eu acho que o papel do professor FOIL, do professor de Ontopsicologia, sempre respeitando o livre-arbítrio da pessoa, é de prestar o serviço. E prestar o serviço significa: lapidar, refinar a capacidade do aluno. Sempre, em tudo. (PE5).

Tem e não é tão fácil de achar [...]. A medida talvez seja: tu não podes aviltar a liberdade do aluno. No sentido de que se ele se fechar, tu não podes forçar [...]. Mas quando eles estão abertos eu vou longe... Sou prudente. Prudente em que sentido? Eu vou sentindo. Como é que eu sinto que eventualmente eu errei a medida? Quando tu erras, tu perdes o vínculo com o aluno [...]. Se eu faço com essa prudência, geralmente eu não perco esse vínculo, que é fundamental para todo o processo de formação. (PE1).

Na relação professor-aluno, sobretudo na formação em Ontopsicologia, podemos inferir que existe uma exigência, uma responsabilidade do educador em relação ao aluno. A educação acontece na relação e o ponto central é o contato com o aluno, servindo de estímulo para extrair o seu potencial natural. “O comportamento do docente ou do formador nos confrontos com

o aluno, se não é autoritário, mas centrado no aluno, tem condições de reforçar o seu natural impulso à autorrealização [...]” (CAROTENUTO, 2013, p. 270).

A novidade da Ontopsicologia é a compreensão do que há no fundamento do inconsciente, isto é, descobre-se o núcleo que Meneghetti define como Em Si ôntico, e, para ler esse critério, existe o método da Ontopsicologia, que pode ser utilizado em qualquer contexto da atuação humana. Esse conhecimento, quando aplicado em sala de aula pelo professor, traz um recurso a mais para conduzir o aluno à aprendizagem, possibilitando ser utilizado também como recurso e prática didática.

4.4 Recursos e práticas didáticas

O recurso didático de educação é a própria Ontopsicologia por meio das bases fundamentais da Pedagogia Ontopsicológica (MENEGHETTI, 2019b). Ou seja, é uma “didática ontopsicológica”, não é um instrumento concreto-material externo, mas é uma prática para ensinar, extrair o potencial de dentro do próprio aluno, que é a Pedagogia Ontopsicológica. O instrumento do professor é a própria personalidade, manifestada na relação e pelo diálogo.

A utilização do todo de si mesmo é um instrumento didático, e se pode então compreender que a garantia do resultado positivo no aluno é a capacidade do professor. Portanto, ao compreender essa passagem da capacidade docente e a vivência da Ontopsicologia na própria vida, foi realizada a seguinte pergunta: “Como você dá aula? Quais são os recursos

ou práticas que você utiliza para ensinar?”. A seguir, os professores relatam como eles se preparam a aula antes de realizar o encontro com os alunos:

Eu, particularmente, sempre tento ler tudo o que o Professor Meneghetti disse a respeito daquele conteúdo, [...] Depois que eu reuni todo esse conteúdo, eu começo a pensar na turma: que tipo de interesses que eles têm naquele conteúdo? Eu começo a selecionar aqueles conteúdos que eu vou estar levando para eles. A partir disso, eu vou vendo: que atividade eu vou utilizar? Que recurso didático eu vou utilizar? Vou utilizar um trecho de um filme? Vou utilizar uma vivência minha? Enfim, eu monto o plano de aula especificamente. Isso como preparação. Mas depois o como, é só na interação com os alunos. E quanto menos eu engesso a preparação, mais visualizo exemplos vivos em relação àquele conteúdo. (PE1).

Trabalho nas turmas com os livros de Ontopsicologia, costumo conduzir os alunos na leitura e análise dos vários textos, tentando “entrar” nas palavras e dialogando em conjunto sobre como tudo isso faz sentido e possui uma aplicação prática na nossa vida. [...] Gosto de “extrair” do aluno o conhecimento que guarda dentro, no sentido de “*ex ducere*”, conduzir fora, de onde nasce a palavra “educação”, para que ele possa conscientizar e, em seguida, aplicar. [...] Para mim é uma mediação ser professora [...]. (PE3).

Primeiro, dentro de mim eu sei aonde eu preciso chegar, o que eu preciso fazer. E eu vou definindo os infinitos modos de chegar aonde eu preciso chegar próximo do tema [...]. Tu usas todo o conhecimento da Ontopsicologia, tu usas a tua capacidade organísmica, tu usas a tua capacidade intuitiva para ver: e daqui como é que a gente vai? Eu vou fazer isso! ‘Junto aqui, uso esse filme, levo esse exemplo, esse texto etc.’ e vou para aula. (PE5).

A partir da preparação dos conteúdos para a aula, infere-se que, no decorrer das entrevistas, a Ontopsicologia é utilizada também

como recurso didático, e é possível visualizar nos discursos como os professores utilizam a própria capacidade intuitiva para contatar o Em Si ôntico do aluno, conforme os trechos a seguir:

Tu usas a Ontopsicologia para calibrar: tem uma linha que eu preciso ir, tem um lugar que eu preciso chegar, eu já sei e isso é prévio. [...]. Tu usas a tua capacidade organísmica, tu usas a tua capacidade intuitiva [...]. Eu utilizo aquilo que é da vida real próxima para mostrar. (PE5).

Na sala de aula [...] tu sentes a turma inteira contigo, mas é um critério que eu utilizo também, organísmico [...] Outro aspecto, que é muito forte, é quando acontece que a turma entra dentro do conhecimento, tu estabelececes aquela conexão com eles, além de tu sentir organicamente, tu vês a turma inteira contigo, [...] e são nesses momentos que você sente uma baita responsabilidade de ser professor, porque qualquer coisa que você fala ali, entra [...]. (PE1).

Encontrar o momento no qual eu faça unidade de ação com o aluno. Não é com todos, é com um, dois ou três. A partir desses é que começa a criar um pouco a dinâmica. Obviamente que, o aluno, depende do momento para criar essa unidade de ação. [...] Eu tento sempre, de algum jeito, fazer aquele encontro ter um sentido, [...] de acordar a consciência humana ou provocar que tenha o perfume do Em Si ôntico naqueles humanos. [...] É um contato de íntimo com íntimo. (PE6).

O professor de Ontopsicologia utiliza a técnica ontopsicológica para visualizar e compreender a dinâmica em sala de aula e, portanto, sabe conduzir com responsabilidade a construção do aprendizado junto com os alunos, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

O que se faz? Se levam os vários tijolos, mas você faz a construção junto com a turma. Então você tem que ver primeiro quais “tijolos”

a turma tem, e quais “tijolos” levar para construir junto com eles a “casa”. Quanto mais você vai conduzindo a aula, a partir daquilo que os alunos já sabem, coligado com o interesse deles – sempre tem que ter o interesse deles –, e com a cultura que eles já têm, com o vocabulário que eles já têm, com as experiências que eles já têm, e você traz aquilo que precisa complementar. Junto com a turma você vai construindo aquele conhecimento. [...] (PE1).

A cada turma muda, cada turma um pouco muda [...] a cada aula é diferente, então, também podem acontecer coisas que nunca são previstas. Essa invariabilidade eu gosto, que se cria no momento, uma coisa que nasce naquele dia, naquele momento, só. Mas tem que ter um super conhecimento, e não só do que você vai explicar, mas de tudo, para mim, tudo. Eu gosto de fazer as ligações, por exemplo, entre um livro e outro. Gosto de mostrar que é uma ciência circular que se encontra em várias coisas. Eu gosto de despertar nos alunos a curiosidade de estudar, isso eu gosto. Porque eu quero que eles depois vão sozinhos, eu faço só a abertura, depois é com eles. (PE3).

Chegar na aula é uma outra realidade ainda: porque tu chegas na aula, as pessoas estão diferentes, e acontecem as situações da aula, e tu, como professor, trazes para dentro daquilo tudo que tu já tinhas em mente [...]. Então todo o meu trabalho hoje é para gerar autonomia. Impactar o texto e saber recuperar a informação, impactar o texto e saber o que o autor quis dizer. [...]. (PE5).

Conforme os relatos dos professores entrevistados acima, é interessante observar essa premissa de preparação sendo posteriormente adaptada, flexibilizada na medida em que acontece a novidade do encontro com os alunos em sala de aula. Existe uma construção do processo de ensino-aprendizagem que se dá com conjunto com os alunos, sempre partindo do pressuposto de gerar a autonomia do aluno, despertando a curiosidade por estudar.

4 Considerações Finais

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo geral analisar qual percurso formativo o professor de Ontopsicologia deve afrontar para ensinar a Ontopsicologia. Como se pode verificar, o resultado alcançado foi possível, por meio da fundamentação teórica da pesquisa, com base no autor principal, Antonio Meneghetti, de como realizar uma formação técnica em Ontopsicologia. Somado a pesquisa realizada com as entrevistas de professores da instituição de ensino investigada, foi possível verificar a aplicação técnica do método ontopsicológico, como também as dimensões práticas que se abrem acerca da apropriação desse conhecimento e de recursos didáticos de ensino.

No que se refere ao primeiro e ao segundo objetivos específicos, qual seja o de analisar como os professores aprendem e aplicam a Ontopsicologia na própria vida (conhecimento técnico e estilo de vida), se verificou que não há uma cisão em como estudar-aplicar-viver essa ciência. Constantemente, teoria e prática andam juntas, perpassando sobre os caminhos do estudo, aplicação e ensino da ciência.

O terceiro objetivo foi verificar como que cada professor entrevistado, com formação em Ontopsicologia, utiliza essa ciência no processo de ensino-aprendizagem nos cursos graduação da Antonio Meneghetti Faculdade. A novidade que essa pesquisa pode trazer foi analisar e compreender o método Ontopsicológico utilizado também como técnica didática para ensinar a própria Ontopsicologia, que, aqui, denominamos como didática ontopsicológica. Notou-se

que os professores não visualizam de modo dividido sua vida pessoal e profissional do papel do docente. Em verdade, ambos aspectos, para ensino da Ontopsicologia, se encontram relacionados.

Diante disso, constata-se que o ensino da Ontopsicologia está relacionado com as dimensões de estudo e aplicação, em razão da imprescindibilidade destes para o ensino da ciência. Além disso, visualiza-se que o processo de construção de ensino-aprendizagem se dá a partir da situação em que se encontra o aluno e a disponibilidade do professor para o ensino. Para tanto, é fundamental que as quatro categorias aqui estudadas (conhecimento técnico e estilo de vida, vocação para a docência, postura do professor e relação aluno-professor, recursos e práticas didáticas) reforcem-se e complementem-se como premissas a um eficiente percurso técnico para o docente no estudo, aplicação e ensino da Ontopsicologia, “fabricando” esse conhecimento em si mesmos, ao mesmo tempo em que estimula seus alunos a “fabricá-lo”.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. **A Essência da Ontopsicologia**, 2020. Disponível em: http://www.onto.net.br/index.php?title=A_ess%C3%AAncia_da_Ontopsicologia#4. Acesso em 26 jun. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 2016.
- BUONANNO, Enrico. A Fabricação da Ontopsicologia. **Revista Nova Ontopsicologia**, ano XXIV, n. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.
- CAROTENUNO, Margherita. **A Paideia Ôntica dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Isomaster como empresário do Ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2018.
- MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019a.
- MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019b.
- SERAMIM, Ronaldo Jose. WALTER, Silvana Anita. **O que Bardin diz que os autores não mostram?** Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. Administração: Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro-RJ, 2017.
- VYGOTSKY, Lev. **Psicologia Pedagógica**. Martins Fontes, São Paulo, 2010.